

Pensamentos e reflexões de Rômulo Gonçalves

Silêncio é humildade, quando não provocado.

A grandeza se revela nas pequenas coisas. Ninguém pode ultrapassar suas próprias dimensões. Ninguém fará coisas maiores que ele mesmo é. Logo, é preciso que dilatemos nossos horizontes interiores, porque com eles crescerá nossa compreensão.

Onde começa o direito termina o amor.

A Verdade é uma pátria sem caminhos. Ela está juntinho de nós, mas nós é que dela nos distanciamos. Nela mergulhados, não sentimos a sua presença, porque nossos órgãos de percepção, entulhados de medo, de egoísmo e de condicionamentos, perdem a capacidade de sentir e de ver. Ela, a Verdade, está sempre presente, mas nós dela estamos ausentes, embora sempre a busquemos, de balde.

Não podemos buscar a Verdade – o Real, o Imensurável – porque não a conhecemos. Só podemos conhecer nossas próprias fraquezas e as deficiências que povoam nosso condicionado pensar. (1978)

Inaugura-se o ano com muita chuva. Tudo encharcado. São 8 horas. A cidade parece ainda sonolenta dos excessos da véspera. Apenas se ouve a rotina do roncar dos ônibus, transportando a angústia de um para outro bairro. Todos, todos sofrem, despossuídos e abastados, enquanto a injustiça social mais e mais agrava os problemas. (1984)

Gosto da solidão. Estar só revigora as energias. Tudo é bom e belo, se sabemos observar a vida! (1993).

Muitas vezes, aconteceu comigo quando professor de matemática - cálculo diferencial. Tentava de todos os modos a solução do problema que os alunos me traziam. Exausto, saía a passear na avenida e eis que a solução se me revelava clara, notável e simples. Invariavelmente, o fenômeno se operava, mas não abandonava o esforço ao fito de encontrar a solução no passeio (“peripatos”). Desligava totalmente, sem pretensão ou objetivo e aí vinha a solução do problema.

Somente as palavras têm vitalidade, quando se fala do centro da Vida em nós, como se estivéssemos lendo a realidade.

São 18 horas. Estou em completo silêncio e solidão. Lá fora a cidade corre, agita e persegue algo indefinível que a nada conduz, senão ao conflito, à violência e ao sofrimento. A intranquilidade e a dor fizeram ninhos em todas as mentes, que se dizem “modernas, esclarecidas e realizadoras.” Triste desdita de todo o gênero humano! Labutar tanto sem saber que constrói o próprio infortúnio, na cegueira do desejo e da insatisfação. (1993)

Domingo de muito trabalho e alegria. Dia fresco e suave. Durante a noite que passou, perdemos o sono e passamos por experiência mística que nos deu muita energia. Trocamos ideias com amigos que aqui vieram sobre o livro de Jiddu Krishnamurti – O Mistério da Compreensão. São indagações silentes da vida interior. (1989)

Só se aprende quando despreocupado, livre, feliz, atento. Atenção é virtude, ordem, eficiência.

A atenção exclui a contradição. Ela é a essência da energia.

Sufrimento é autocompaixão, embotamento, falta de humildade.

O verdadeiro aprender exercita a atenção, a vigilância, que aperfeiçoa o processo de se estar cômico e vivo. Logo, independe da coisa que se aprende.

O ato de aprender é mais importante do que a coisa aprendida.

O 'homo efficiens' é fechado, duro, intolerante. Fechou o coração.

Quem sobre perde a capacidade de amar.

Releio está página quatro anos depois. Lemos tanto e não nos transformamos: continuamos egocêntrico, sofredores. Algo há de ficar de tudo isso. (1982).

Quem sofre não pode amar, nem ser bom.

Ninguém faz coisas maiores do que ele mesmo é.

Conhecer-se é atenção permanente a tudo que se faz, pensa e sente. É dedicação profunda e incansável.

Quem ama a um, desama os outros. Amor é estado de ser, é clima interior. Quem o tem, nem sabe de sua existência. Ama simplesmente, como a violeta que, discreta e humilde, exala seu perfume. Ela não conhece outro estado, outro meio de viver.

Estivemos aqui em 1949, 1951 e 1953. Retornamos depois de tantos anos. Nada mudou. Nós é que mudamos com as cicatrizes dos anos. Pioramos muito. Somos mais exigentes, mais egoístas e menos tolerantes. Não somos as mesmas pessoas. Parece que a gente fenece aos poucos, imperceptivelmente. Estranha sensação esta de volver a um sítio depois de

quase 25 anos. Naturalmente, as amarguras e experiências acumuladas em cinco lustros nos deformam e mutilam. Já se foi a jovialidade e se exauriram as energias do início da vida. O belo, porém, é que dessas cinzas pode nascer algo inesperado e sublime que nos restituirá o encanto de viver. (1977)

A fuga é medo em si – não da coisa de que se foge.

Não se enfada de ler Krishnamurti. A cada leitura, descortinam-se novos horizontes, embora o livro seja o mesmo.

LSD e outras drogas sempre convencem o indivíduo de que está certo.

A vontade, que é pensamento, dá permanência ou continuidade ao desejo. Não podemos sufocar o desejo, que é natural, mas podemos compreender o processo que se opera no pensamento e ver, nitidamente, os efeitos do conflito que se implanta em nós.

A existência sem esforço é fazer tudo com leveza e suavidade.

Tende atenção, sem esforço. Não resistais ao devaneio, à distração, que nos assalta toda vez que procurais ter atenção. Observai o devaneio mental, segui-o e vereis o percebimento, a sensibilidade e o amor. O esforço embrutece porque fortifica o egoísmo, a ambição.

O apego a qualquer coisa destrói ou impede o amor. Amor é estado de alma, o mais elevado, grande inteligência criadora, de sensibilidade e vigilância. (1979)

Somos escravos do medo. E não sabemos disso. O medo é da estrutura do pensamento.

Não há segurança na vida, em nada; nem há segurança nacional, a não ser como ficção de nossa supina ignorância.

Não há caminhos para o Real!

Estou só. Tudo aqui é silêncio e paz. O dia está inundado de luz e beleza. Parece que somente a alma da gente é nota dissonante na sinfonia esplêndida da Vida. Por que o conflito, desentendimento e angústia? As explicações não bastam e as experiências entorpecem. Viver deve ser amar e não sofrer com as pequeninas coisas que, não raro, tanto nos infelicitam. Mas, alegria e sofrimento são fabricados pelo pensamento. Tudo é belo. Nada é triste. Eu é que fabrico minha própria angústia. (1976)

Quando se silencia, o espaço retorna: aí somos vivos, leves, penetrantes e belos; desenvoltos, ágeis, reflexivos, bondosos.

São 8 horas da noite. Passei um dia tranquilo, seguindo o torvelinho mental. Foi um dia cheio de silêncio, gostoso e construtivo. Não tive tédio ou solidão. Muito se percebe no silêncio. Embora sozinho em casa, sem a companheira, senti alegria de viver. Vi que temos a capacidade de criar nossas agonias ou nossa felicidade. Nada depende dos outros. Tudo depende de nós. (1976)

Novamente só, em Brasília. São 6,30 hs da manhã. Perlustro as mesmas páginas, com novos encantamentos. A solidão é dádiva da vida. (1979)

Local da bem-aventurança? Não há onde. Queremos sempre encontrar as coisas prontas.

Nunca estamos sós, puros: sempre seguidos desse enxurro mental, que tudo deforma e envenena.

A família é fechada, egocêntrica, desumana – Ninguém entende esta verdade. (1976).

Tomo das ideias de Krishnamurti e me perco no infinito: “deixo de viver para ser”, como disse Thoreau (Henry David, pesquisador, naturalista, filósofo, 1817-1862)

O tempo representa lembranças, apegos, vícios e uma carga imensa do passado, que carregamos para o presente e futuro.

Tempo e espaço se confundem. Só percebemos o espaço num determinado tempo e só notamos o tempo num determinado espaço. É a relatividade de Einstein, cujo centenário de nascimento ocorreu ontem, 14/3/79. A gravidade é outra dimensão do infinito e modifica as duas primeiras. (1979)

No mundo dos fatos é necessário o positivo, direto. Mas, a compreensão é do mundo dos valores, onde a operação é inversa – negativa. O que soma de um lado diminui no outro; o que constrói de cá destrói de lá. (1979)

Não há segurança em nada.

Quando se está à procura de solução para um problema depois de se esforçar, analisar, meditar, pensar etc., muitas vezes não se chega a uma solução. Entretanto, é só após esse esforço inicial e com a mente quieta, a solução vem à tona. Esse fato ocorre sempre comigo. Quando professor de matemática, isso era comum. Parece que há necessidade de esforço inicial. Depois, o silêncio e a solução despontam.

O silêncio é a voz da Verdade – é a linguagem do Eterno. Quando tagarelamos, essa voz cessa.

Os anos trazem maior agitação e, conseqüentemente, mais tensão e angústia. Por isso, os “velhos” são mais exigentes e menos compreensivos. (1976)

Domingo estuante de luz e paz. Silêncio fecundo, auxiliado pelo doce soprar da aragem que cicia nas árvores e no arrulho carinhoso dos pombos. A natureza entoa seu hino. É, simplesmente, divino! (1976)

É como se o autor (Jiddu Krishnamurti) viajasse a jato e os ouvintes a pé. Não conseguiria arrastá-los, nem os ouvintes acompanhá-lo. Seria impossível. Para haver comunhão, deve-se ter a mesma propulsão: estar no mesmo comboio. Como os planetas no universo. (1977)

Cá do alto (no avião), sol claro, céu límpido e puro. No res do chão, ameaçam as tempestades. Parece até que somos órfãos de luz. Em nível mais alto, porém, vemos que a luz não se apaga, banha as próprias trevas de nossa incompreensão. Assim é a vida...

Para que haja comunicação entre as pessoas é preciso haver comunhão, sintonia de vigor, de propulsão. Deve-se estar no mesmo nível, no mesmo barco. Se o orador viaja a jato e o ouvinte tenta acompanhá-lo de carro ou a pé, pode haver compreensão intelectual, mas não haverá comunhão ou compreensão real. Por isso, saber ouvir é sabedoria. Temos de sintonizar nossas energias ao nível das pessoas que estão nos ouvindo ou com quem falamos. Como a vida é dinâmica, instável, vertiginosa não entramos em comunhão com ela, porque nosso barco (o Eu) é estático, quer segurança, não lhe alcança a sutil vibração. E, assim, não vivemos!

Quem sofre não pode amar. Sofrimento é estreiteza, ignorância. Só o sábio ama, porque compreende e não sofre. Sofre a mente confusa, limitada, ávida, insegura.

“O intelecto não resolve problema nenhum.” A afirmação que o mundo não aceita. Vivemos encantados com o intelecto, mas é ele que faz a guerra e tutela a violência, gerando mais sofrimento. (1983).

A abastança traz em si u'a maldição: entorpece a criatividade e inabilita o homem à reação adequada aos desafios da vida. Os que nela, desde pequenos, se criam, assumem, não raro, mesmo inconscientemente, "hábitos de herdeiro venturoso". Felizmente, meus filhos até a puberdade viveram na parcimônia e singeleza. O epíteto, transfiro-o aos netos.

Nenhuma carreira, inclusive a advocacia, propicia rápido sucesso ou renome de improviso. Tudo, tudo é luta, resignação e humilde compreensão das pessoas, das ideias e das coisas.

O intelecto é sempre arrogante, cerimonioso e egoísta. Não tem simplicidade. Ilude-se, não raro, com explicações que mais agravam os problemas da vida. Belas explicações não significam compreensão.

Aguardamos a cirurgia cardíaca a que minha idolatrada companheira de quase 57 anos de vida em comum se submeterá em 02.06.97. Estamos confiantes no socorro divino, que haverá de iluminar os médicos.

Atrás dos grandes homens, há sempre uma mulher ainda maior – é o refrão.

É sempre assim: quem combate as ditaduras é subversivo e inimigo da pátria. Quem não se lembra do "ame-o ou deixe-o".

O homem é mesmo "grilhota" do sofrimento. Pouco importam as contingências externas. Sempre sofre, sem saber por quê.

O interesse cessa com a posse.

As coisas conquistadas perdem o sabor.

As conveniências, não raro, arrefecem as amizades e a dedicação, anteriormente tão blasonadas. (1984)

A fama é caprichosa: parece que não chega nunca. Quando nos bate à porta, fá-lo de uma vez, envolvendo num halo de simpatia e grandiosidade até mesmo nossos erros e mediocridades. Estamos “acima de qualquer suspeita”.

Meu amigo: antes de abrires estas páginas, analisa o teu íntimo, sempre acorrentado a crenças, ideias estratificadas no teu subconsciente, preconceitos etc. Deita fora toda essa sobrecarga inútil e, depois que sentires leves como um pássaro no céu límpido, inteiramente livre, prossegue na leitura, que te sentirás em casa e inteiramente integrado no Real. Se não fores capaz disso, nunca leias Krishnamurti, que dele nada entenderás.

Sendo o “eu” o reflexo condicionado da espécie ou da raça, tornou-se ele aparente realidade, quando é a maior das ilusões. Os erros e desregramentos do passado milenar da raça é que criaram a ilusão do “eu” separado.

Não somos pais. Temos filhos. O instinto de posse vai até aí. Preenchemo-nos com nossos filhos, como nos deleitamos com os bens de fortuna.

Recebo a vida nos picos alcantilados, níveos e pontiagudos como a apunhalar o azul do firmamento; no sibilar dos ventos fogosos e na quietude das noites enluaradas; na candura das pombas e na agressividade leonina dos carnívoros; no estrangulamento dos cárceres erguidos pelo temor e na bravura da consciência liberta que rejeita os grilhões da estupidez e da impudicícia.

O pensamento é que cria o tempo, tanto assim que entre os pensamentos sempre há um intervalo de silêncio que não é do tempo. Quem dele se

libertar, portanto, atingiu a Verdade, a Perfeição. Haverá o grande silêncio interior, sem formas e sem egoísmo.

Qual o nosso maior inimigo? A natureza, os irracionais? Não! É o próprio homem, esse espantelho que se anquilosou no seu egoísmo milenar, herdado da espécie nas idades mortas. Por acaso, a natureza ou os irracionais já entristeceram alguém? O homem, sempre o homem, é o grande disseminador de maldades e tristezas.

Em tudo, há vida e harmonia impenetrada. Vejo-a nas lombas das cordilheiras que se alteiam nos horizontes agredindo o céu; no trinar cândido da passarada em reboiço e no surdo roncar das metralhadoras “luminais” e destruidoras. Sinto-a no despedaçar dos oceanos contra os contrafortes seculares e no maravilhoso silêncio dos crepúsculos sanguíneos, na singeleza do caboclo explorado e subnutrido e na inquietude garrida da juventude sacrificada. Ouço-a no suave cantar das águas cristalinas dos regatos e na fúria das enchentes destruidoras e posso sentir, numa visão mística e profunda, o galopar de mundos através dos espaços sidéreos, sempre silenciosos, mergulhados na tessitura/potência da Criação. Penetro-a nas carícias das mãos e no grito alucinante dos sacrificados; na revolta das massas exploradas, que sentem na carne a ignomínia dos homens e no egoísmo inconsciente dos verdugos.

Em tudo, a vida, a expressão eterna da tessitura divina, que nos engolfa, permeia e dirige. Tudo a ela se justapõe, porque dela proveio. Somente o homem, consciente, mas inconsciente, não houve sua voz melodiosa e terna que nos vem através das idades, desde Krishna a Lenine, de Confúcio a Jesus.

Ecoou ela das velhas pirâmides estáticas e incompreendidas, da sutileza do pensamento helênico, nas contundentes afirmações de Sócrates e Platão, dos misteriosos exemplos da Índia sublime e espezinhada e da singeleza impressionante das inteligências geniais. Mas, o homem, o eterno fabricante ou fabricante das guerras e desgostos, insiste na surdez da ignorância e na maldade do intelecto. (1958).

Silencia o desejo e ingressa na consciência cósmica que nos permeia.

Silencia o desejo e ouve, na voz do silêncio, a sinfonia da vida.

A lógica do intelecto parece eclipsar a Verdade. A sagacidade da mente nos conduz a caminhos tortuosos e inextricáveis. Pura ilusão, porém.

Ensinar, sem desejo de ensinar. Desapega-te dos frutos da ação. Semeia com o exemplo e passa. Nada mais. Se fizeres questão de transformar, não haverá transformação.

Tanto a aversão às ideias, às pessoas e às coisas como o apego a elas são cadeias da mesma ilusão. É preferível errar com as ideias próprias a acertar com as ideias alheias.

Na evolução gradual entram o tempo, o desejo, com um séquito de torpezas e luxo – coisas incompatíveis com a Verdade. A evolução gradual é egoísmo. Penso que há apenas a ilusão de evolução. A Verdade é Deus em nós. Sempre pura, perfeita. Nós é que turvamos a Verdade com nossa ambição, nosso egoísmo, confusão, agitação.

Vivemos e agimos, quando muito, no mundo da inteligência luciferina e pensamos que estamos no espiritual, na esfera da razão.

Paz só se alcança pela renúncia de toda espécie de desejo pessoal. Ação pura, não vinculada a resultados. Inteiramente liberto do querer do ego.

Tudo está em nós: o microcosmo e o macrocosmo. Em nós, os problemas e respectivas soluções. Da observação atenta, incansável e diuturna de nós mesmos resulta o Inefável ou a plena compreensão da vida. (1996)

Há anos, compreendi a falácia da oração, deixando, definitivamente, o hábito de orar, nunca mais rezei. Para mim, orar é silêncio profundo e espontâneo, em que nada se anseia ou pede. Silêncio é plenitude.

Rezar não pode ser súplica. Quem pede e reclama está incompleto e infeliz.

A vida tem um dinamismo próprio, que tende a afirmar-se, a crescer, envolvendo todas as coisas, todos fenômenos e seres animados ou inanimados. É sempre dinâmica.

Nasci em 1918 e completo hoje 75 anos e me sinto muito lúcido e capaz. Irei até 88 anos, idade em que papai faleceu. É um direito que ele me legou. Vou singrando longe as águas do tempo já sentindo o perfume do oriente eterno. (1993) – Rômulo faleceu com 90 anos, em 2008.

O homem que procura a verdade nunca a encontrará, porque a verdade é infinita, ilimitada e a mente circunscrita, tem limites.

Os anos fluem céleres, sem que tenhamos plenitude de vida. De qualquer modo, a angústia nos visita a todos do berço ao túmulo. De raro em raro, uma réstia de luz nos empolga, dando notícia do Incomensurável, do Absoluto, que a todos envolve. (1993)

A verdade é uma pátria sem caminhos.

Inúmeras vezes comigo vem ocorrendo isso. Quando era professor de matemática tentava resolver um problema difícil, buscava em casa a resposta até a exaustão. Quando desistia e, despreocupado, saía a passear pela rua, eis que a solução me surpreendia sem qualquer esforço e via com nitidez o ponto obscuro e falho. Voltando à casa, obtinha a solução com muita clareza.

O pensamento é o maior obstáculo ao amor.

Spinoza é combatido pelos néscios, que o chamam Panteísta (tudo é Deus). Enganam-se, porque o venerando pensador era Panenteísta (tudo está em Deus ou Deus está em tudo). Deus é lei, princípio, essência do universo.

Como terminam os grandes homens? Perseguidos, acoitados e diminuídos ao máximo pela ignorância de muitos. Brilhou triunfalmente sobre a opressão e o fanatismo. Espírito evoluído, Voltaire jamais silenciou diante do crime, do sofisma ou da ameaça. Contra ele em vão se arregimentaram as forças mais hostis da reação fanática, com o visível beneplácito dos poderosos, que sempre encontraram na ignorância o sustentáculo da subserviência e da bajulação.

Tudo é imortal. A morte é ilusão, porque começo de nova vida. (1957)

Aqui, cinzas e lágrimas; além, o inefável, a verdade, a vida. (Epitáfio que Rômulo escreveu para o túmulo do tio Luiz Costa)

Que ilusão! A burguesia, que veio com a Revolução de 1789, continua praticando os mesmos crimes.

O autor (Will Durant) foi muito feliz em analisar Schopenhauer. Realmente, quem não provou os deleites de um lar, quem jamais aconchegou ao regaço a cabecinha inocente de um filho querido, não pode, honestamente, abalançar-se a condenar a vida em família. (1957)

Releio os mesmos trechos, as mesmas ideias – História da Filosofia, de Will Durant. Mais velho, letra trêmula, já na curva descendente da vida, a inteligência ainda sedenta de compreensão e amor. Ainda bem que não desertei dessas leituras e da auto-observação que encetara na década de 50/60. (1975)

Quanto mais bem nutrido o organismo mais forte para sobreviver, menos reproduzirá. Na Geo-Política da Fome, Josué de Castro explica o fenômeno, adiantando que entre os povos orientais, à compleição franzina e pobre de proteínas, a reprodução é assustadora. Talvez, Malthus tenha-se inspirado nisso para a dedução de sua terrível lei : “Enquanto a população do mundo cresce em uma progressão geométrica, a capacidade do planeta terra em fornecer alimentos cresce uma progressão aritmética.”

O sábio é prudente e modesto; o néscio é arrebatado, convencido e extremista. (1957)

O sentimento de posse oblitera a inteligência e mecaniza a vida, tornando-se o centro das paixões humanas.

Os místicos e físicos afirmam que o ambiente em que vivemos, trabalhamos ou estudamos fica impregnado de nossas vibrações, o que nos ajuda no raciocínio. Ali, o trabalho é mais fácil e criador. (1991)

Não vemos as coisas, as ideias e as pessoas como são, em suas substâncias, mas como nós somos ou gostaríamos que elas fossem. O observador atua na coisa observada. Ninguém vê as coisas maiores do que ele mesmo é. (1991)

A Realidade Criadora é uma tessitura de pequeninos “nadas” que, em última análise, comandam o Universo. O homem, semi-demiurgo, vale dizer, é semi-criador, é partícipe dos grandes arcanos da Vida.

Sempre entendi que devemos respeito aos animais, vegetais ou minerais como o que tributamos aos nossos semelhantes. Tudo é vivo e dinâmico.

Cada um de nós possui centenas de personalidades, que se revelam, para surpresa nossa, a cada momento da vida. Por isso, disse um escritor:

“conheci minha irmã no dia da morte de minha mãe; no entanto, havia 20 anos que vivíamos sobre o mesmo teto”.

Pelos anos em fora, somos inúmeros seres, criança, adolescente, jovem, homem maduro, ancião e decrepitude. Esses seres regurgitam e atuam em nosso ser atual ou futuro, pela memória quântica (de energia).

O homem é semi-criador – demiurgo – porque completa e aperfeiçoa a criação.

No trabalho, o homem se completa; transforma e cria algo no Universo. O trabalho espontâneo e construtivo nos revela o que somos.

A verdade é que nos impregnamos das vibrações (ondas) quânticas do ambiente em que vivemos e, igualmente, as influenciemos com as nossas próprias emanções, formando uma simbiose perfeitamente notável, uma correlação quântica de valores que muda e cria o ambiente. (1994)

“Quando se quebra a infraestrutura jurídica de um povo, mesmo através do mais tímido gesto ilegal, a sociedade entra em paralisia, o organismo social definha, como acontece com o indivíduo que teve uma de suas pequeninhas vértebras espinhais quebrada.”

“A pessoa humana é sagrada. Seus direitos, inalienáveis. Política é arte de bem governar, dosando, com humanismo e justiça, as relações entre o homem e o Estado. Não há boa política que autorize a agressão ao homem, mesmo ao mais perverso homicida.”

“A tarefa dos divergentes, dos que não se acomodam, é muito mais espinhosa do que a dos que se calam e transigem. O idealista sincero é que compõe a história.”

“O “criminoso político” é, antes de tudo, um descontente, não um criminoso.”

“Sem anistia não pode haver democracia no Brasil.”

“Respeito não se impõe. Conquista-se.”